

# A percepção de atletas de diferentes categorias do futebol sobre o comportamento dos treinadores: comportamento percebido e ideal

CDD. 20.ed. 796.011  
796.033

Silvia Regina de SOUZA\*  
Sidônio SERPA\*\*  
Carlos COLAÇO\*\*  
Thalita CANATO\*

\*Universidade Estadual de Londrina.  
\*\*Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa - Portugal.

## Resumo

Este trabalho teve por objetivo investigar como atletas do futebol das categorias Sub-15, Sub -17 e Sub-20 analisam o perfil do seu treinador (comportamento percebido do treinador) e como gostariam que ele se comportasse (comportamento ideal do treinador). Participaram da pesquisa 74 atletas brasileiros. Os atletas responderam à Escala de Comportamento do Treinador - versão atleta (ECT-A) indicando como se comporta o seu treinador e como gostariam que ele se comportasse. Os resultados sugerem que o fato de pertencerem a diferentes categorias não significa que tenham percepções diferentes acerca do modo como se comporta o seu treinador ou sobre como gostariam que ele se comportasse. Embora a avaliação dos atletas do seu treinador tenha sido positiva, comparando-se as médias obtidas para o comportamento percebido pelo atleta no treinador e comportamento ideal, verifica-se que ela sempre foi menor para o comportamento percebido. Finalmente, não houve diferença significativa entre as respostas relacionadas ao comportamento percebido e ao comportamento ideal para a dimensão reforço pessoal negativo. Apesar dos aspectos interessantes neste artigo, os resultados indicam a necessidade de investigações futuras.

UNITERMOS: Futebol; Treinadores; ECT-A.

## Introdução

Uma das áreas de trabalho e investigação dos profissionais da Psicologia que atuam no contexto esportivo focaliza-se na interação entre treinador e atleta, dada a influência considerável do comportamento do primeiro sobre o comportamento do último. Entre as pesquisas desenvolvidas nesta área estão aquelas que avaliaram os efeitos de programas de treinamento sobre esta interação. Nesta direção, cita-se o trabalho clássico desenvolvido por SMITH, SMOLL e CURTIS (1979).

SMITH, SMOLL e CURTIS (1979) avaliaram como o comportamento do treinador, de reforçar comportamentos adequados e de dar instruções contingentes ao erro, poderia afetar o comportamento de jovens atletas. A pesquisa envolveu o desenvolvimento e avaliação de um programa de treinamento delineado para ampliar a habilidade de treinadores de categorias menores de uma liga de

beisebol para interagirem mais efetivamente com seus atletas. Trinta e um treinadores participaram. Os treinadores foram encaminhados para dois grupos (18 treinadores para o grupo experimental e 13 para o grupo controle). A sessão de treinamento teve aproximadamente duas horas de duração. Nesta sessão, os experimentadores passaram aos treinadores diretrizes que enfatizavam interações positivas entre treinadores e atletas e entre atletas. Auto-registros foram utilizados para monitorar o comportamento dos treinadores e um instrumento, para avaliar seus comportamentos durante os jogos (CBAS - Checklist Behavioral Assessment), foi usado por auxiliares de pesquisa. No final, os atletas respondiam a um questionário que avaliava o quão prazeroso lhes era praticar esporte e o que pensavam sobre o treinador, e a um inventário ("self-esteem inventory"), que avaliava a auto-estima geral da criança. Os resultados indicaram que, após

o treinamento, os treinadores passaram a elogiar com mais frequência os comportamentos adequados de seus atletas e que, embora não tenha havido diferença em relação aos resultados obtidos (ganhar ou perder a partida) entre os dois grupos, os atletas que jogaram para os treinadores participantes do grupo experimental avaliaram de forma mais positiva seus treinadores e o clima interpessoal de sua equipe. Os resultados mostraram ainda que as crianças que jogaram para os treinadores do grupo experimental obtiveram escores maiores no inventário empregado para avaliar a auto-estima do que os atletas que jogaram para os treinadores pertencentes ao grupo controle.

Pesquisas como a desenvolvida por SMITH, SMOLL e CURTIS (1979) sugerem que programas de treinamento delineados para auxiliar treinadores podem contribuir para mudanças nas interações estabelecidas entre eles e seus atletas. Resultados semelhantes foram obtidos também em outros países com treinadores de outras modalidades (CRUZ, 2000; LIMA & SOUZA, no prelo). Ressalta-se, no trabalho de SMITH, SMOLL e CURTIS (1979), a avaliação do treinador feita pelos atletas, ao final da pesquisa.

Além de investigações que visam avaliar os efeitos de orientações dadas a treinadores, há aquelas que investigam as características dos treinadores preferidas por atletas de diferentes categorias e modalidades. Investigações dessa natureza são importantes, pois fazem que treinamentos mais efetivos, passados a treinadores, sejam elaborados e que melhore ainda mais a efetividade desse tipo de intervenção. Em relação a trabalhos dessa natureza, destacam-se as pesquisas sobre liderança no esporte. Segundo MALLETT e CÔTÉ (2006), têm-se empregado diferentes instrumentos de medida para avaliar o comportamento de liderança no esporte como, por exemplo, o Questionário de Comportamento do Treinador (CBQ; WILLIAMS, JEROME, KENOW, ROGERS, SARTIN & DARLAND, 2003), o Sistema de Avaliação dos Comportamentos do Treinador (CBAS; CUMMING, SMITH & SMOLL, 2006; SMOLL & SMITH, 1998) e a Escala de Liderança para Esportes (LSS; CHELLADURAI & SALEH, 1978). Contudo, é a Escala de Liderança para Esportes (LSS), baseada no modelo multidimensional de liderança, o instrumento psicométrico mais comumente empregado.

A LSS permite investigar os comportamentos exigidos, reais e preferidos do treinador na percepção dos atletas (CHELLADURAI, 1993; CHELLADURAI & ARNOTT, 1985; CHELLADURAI & CARRON, 1983; CHELLADURAI & SALEH, 1978; RIEMER & CHELLADURAI,

1995, entre outros). A tradução da escala para outros idiomas além do inglês, permitiu, ainda, que pesquisadores de diferentes nacionalidades ampliassem os conhecimentos nessa área (ANTUNES, SERPA & CARITA, 1999; CHELLADURAI, IMAMURA, YAMAGUCHI, OINUMA & MIYAUCHI, 1988; KIM, LEE & LEE citados por CHELLADURAI, 2007; LIUKKONEN, SALMINEN & TELAMA, 1989; SERPA, 1988; SERPA, ANTUNES, PÁTACO & SANTOS, 1988, entre outros).

De modo geral, os resultados dessas investigações sugerem que alguns comportamentos do treinador são preferidos pelos atletas. Entre eles citam-se: a) a realização de treinamentos exigentes que visem à melhora de desempenho do atleta com fornecimento de instruções quanto à técnica e à prática; b) a estruturação e organização das atividades do grupo; c) a condução de práticas que melhorem o relacionamento entre os membros do grupo; e d) o reconhecimento e a recompensa por bons desempenhos (SERPA, 1988). Quando as respostas dos atletas são avaliadas considerando-se o seu grau de habilidade ou experiência no esporte, verifica-se que quanto mais hábeis e experientes eles forem, maior a preferência por treinadores que buscam ter um bom relacionamento com os atletas, interessando-se pelo seu bem-estar, e por treinadores que tomam decisões de maneira independente fazendo valer sua autoridade pessoal - estilo autocrático (CHELLADURAI, 1993).

Em relação à modalidade praticada - individual ou coletiva, aberta ou fechada - os dados das pesquisas mostram que atletas praticantes de modalidades coletivas e abertas, como o basquete e o futebol, tem maior preferência por treino-instrução e comportamentos democráticos de seus treinadores que atletas praticantes de modalidades individuais e fechadas, como a natação (CHELLADURAI, 1993; RIEMER & CHELLADURAI, 1995)<sup>1</sup>.

Conquanto o uso de escalas seja comum em estudos dessa natureza, questionários e auto-registros também foram empregados para investigar as características de treinadores preferidas por atletas. Entre os trabalhos que fizeram uso deste tipo de instrumento citam-se os de BLACK e WEISS (1992), BORTOLI, ROBAZZA e GIABARDO (1995) e HASSELWOOD, JOYNER, BURKE, GEYERMAN, CZECH, MUNKASY e ZWALD (2005).

BLACK e WEISS (1992) examinaram a relação entre comportamentos percebidos do treinador, motivação e nível de habilidade percebida nos nadadores que participavam de competições. Participaram 312 nadadores com idade entre 15 e

18 anos. Para avaliar o comportamento do treinador e o seu próprio usaram de auto-registro. De forma geral, os treinadores que foram percebidos como aqueles que dão mais informações após desempenhos desejáveis e encorajamentos mais frequentes, combinados com informações após desempenhos indesejáveis, estavam associados com atletas que obtinham níveis mais altos de sucesso, competência, diversão e preferência por atividades desafiadoras. Esses resultados parecem indicar que a maneira como os atletas se percebem e sua participação em treinos e competições está significativamente relacionada à quantidade e qualidade de “feedback” recebido do treinador para desempenhos com sucesso ou com erro.

BORTOLI, ROBAZZA e GIABARDO (1995) investigaram como atletas com idade entre 10 e 17 anos percebem o comportamento de seu treinador e como gostariam que fosse esse comportamento. Participaram dessa investigação 240 praticantes de esportes individuais ou coletivos de ambos os sexos. Eles responderam a dois questionários preparados especificamente para o estudo e listaram os aspectos comportamentais do treinador antes e durante as competições. O primeiro questionário pedia que os participantes avaliassem os comportamentos reais do treinador. No segundo, pediu-se que avaliassem os mesmos aspectos no que se referia ao treinador ideal. Os resultados mostraram insatisfação dos atletas com seu próprio treinador, e os participantes que fizeram uma avaliação melhor de seus treinadores (meninas e atletas mais jovens de esportes individuais) perceberam a necessidade de comportamentos diferentes por parte dos mesmos. Por exemplo, o treinador deveria falar utilizando um tom de voz mais baixo, não dar importância apenas aos resultados do desempenho, mas garantir diversão e dar suporte em situações difíceis. Esses resultados sugerem que procedimentos para melhorar a comunicação entre treinador e atleta deveriam ser considerados nos programas de formação de treinadores de categorias menores, o que poderia melhorar a experiência esportiva e reduzir o “burnout”.

HASELWOOD et al. (2005) investigaram como atletas percebiam a competência da comunicação de seus treinadores, e também como os próprios treinadores percebiam sua competência no item comunicação. Participaram desse estudo 134 atletas do sexo feminino de duas universidades dos Estados Unidos, com idade entre 18 e 23 anos, e seus treinadores (N = 13). Para a coleta dessas informações foram usados o Questionário de Competência do Comunicador (CCQ) e a Escala

de Competência de Comunicação Interpessoal (ICCS). Os resultados sugerem que os treinadores se percebem como pessoas que se comunicam de maneira competente, enquanto que os atletas, posto que tenham avaliado seus treinadores como alguém que se comunica de maneira competente, não avaliaram o comportamento de seus treinadores de maneira tão positiva quanto os próprios treinadores o fizeram.

Constata-se, portanto, que um grande número de pesquisas foi conduzido com o objetivo de investigar a interação entre atletas e treinadores, a partir da percepção dos atletas, e que grande parte delas foi realizada empregando-se a LSS. Apesar da indiscutível importância dessa escala para investigações nessa área, deve-se considerar que o foco da LSS está nos comportamentos do líder: treino e instrução, comportamento autocrático, comportamento democrático, suporte social e comportamentos de “feedback”/recompensa (CHELLADURAI, 2007). O foco da LSS sugere a necessidade de outros instrumentos que possam avaliar outras dimensões mais específicas do processo de treino esportivo. Este fato aponta para a importância de novas investigações que avaliem a percepção dos atletas acerca do comportamento de seus treinadores usando outros instrumentos que possam complementar os dados já relatados na literatura.

Verifica-se, ainda, que as investigações conduzidas, mas que não empregaram a LSS, avaliaram aspectos bastante específicos do comportamento do treinador. Por exemplo, a competência para comunicar-se (ex., HASELWOOD et al., 2005) ou, ainda, a relação entre escores em inventários de motivação dos atletas e comportamento do treinador (ex., BLACK & WEISS, 1992) indicando a necessidade de novas investigações.

Finalmente, nenhuma das pesquisas relatadas neste artigo foi desenvolvida com atletas brasileiros. Dados de pesquisa sugerem que atletas de diferentes nacionalidades diferem na sua percepção a respeito dos seus treinadores, bem como no estilo de liderança preferido por eles (CHELLADURAI et al., 1988). Na verdade, o fato de muitas das pesquisas realizadas terem sido conduzidas com atletas de outros países, em geral países desenvolvidos, leva a questionar se os dados obtidos nestas investigações aplicam-se também a atletas e treinadores de países nos quais nem sempre as condições para a prática do esporte são as mais apropriadas.

Em vista desses aspectos verifica-se a necessidade de novas investigações, posto que os dados obtidos possam propiciar a elaboração de treinamentos mais

efetivos a treinadores e ampliar o conhecimento acerca das variáveis que afetam a interação entre treinadores e atletas. Sendo assim, este trabalho teve por objetivo investigar como futebolistas brasileiros de diferentes

categorias (Sub-15, Sub-17 e Sub-20) percebem o comportamento do seu treinador (comportamentos percebidos do treinador) e como gostariam que ele se comportasse (comportamento ideal do treinador).

## Método

### Participantes

Participaram 74 atletas, futebolistas, com idade entre 14 e 20 anos de três clubes do Paraná. O tempo médio de envolvimento dos atletas com o futebol era de sete anos e meio (dois a 13 anos). Quanto a títulos ganhos em competições de nível internacional/nacional e estadual/local, 18 atletas já haviam ficado entre os três primeiros colocados em campeonatos nacionais

e/ou internacionais, 48 em campeonatos estaduais e/ou locais, quatro atletas não haviam conseguido as três primeiras colocações em campeonatos de nenhuma natureza e quatro não responderam a esta questão. Embora treinassem no Paraná, muitos atletas eram de outras cidades do Brasil e residiam nos clubes nos quais treinavam. A TABELA 1 apresenta o número de atletas por categoria, a idade média dos atletas e o tempo médio, em dias, dos atletas no clube.

TABELA 1 - Número de atletas por categoria, média de idade, de dias no clube e de horas de treinamento por semana.

Categoria	Número Atletas	Média idade	Média dias no clube	Média horas de treinamento (horas/semana)
SUB-15 (Grupos 1, 2 e 3)	28	14,8 anos (14 a 15)	179,1	8,3
SUB-17 (Grupos 4, 5 e 6)	26	16,3 anos (15 a 17)	79,1	13,2
SUB-20 (Grupos 7 e 8)	20	18,2 anos (17 a 19)	92,3	12,6
Total	74	16,4 anos	116,8	11,3 horas/semana

### Local e material

O trabalho foi conduzido no local de treino dos atletas em horário previamente combinado com os treinadores. Para a coleta de dados utilizaram-se canetas, Escala de Comportamento do Treinador - versão atleta (ECT-A) e para a tabulação e análise dos dados, um computador e o "software" SPSS 11.0 for Windows.

### Instrumento

**Escala de Comportamento do Treinador - versão atleta (ECT-A)** - Esta escala foi desenvolvida por CÔTÉ, YARDLEY, HAY, SEDGWICK e WHALEN (1999) e validada em português por LÔBO, MORAES e NASCIMENTO (2005). A ECT-A foi desenvolvida a partir de pesquisas sobre o comportamento do treinador e pretende fornecer uma avaliação compreensiva dos comportamentos dos treinadores

apresentados em condições de treino, competições e ambientes organizacionais (MALLETT & CÔTÉ, 2006). A escala é dividida em duas partes. A primeira parte, composta por 12 questões, investiga a experiência do atleta com o esporte, e a segunda focaliza em comportamentos específicos do treinador. A segunda parte da escala é composta por 40 questões; para cada uma delas o atleta deve escolher uma entre sete respostas possíveis, dadas em uma escala tipo Likert que vai de um a sete, na qual o número um corresponde a nunca e sete a sempre. Os 40 itens que compõem essa escala são divididos em seis dimensões/fatores:

1) **Condicionamento e treinamento físico.** Os sete itens desta dimensão focalizam-se no envolvimento do treinador com o condicionamento e treinamento físico dos atletas.

2) **Habilidade técnicas.** Composta por oito itens, esta dimensão avalia o comportamento do treinador na correção de erros, ensino de habilidades e

acompanhamento do desempenho dos atletas durante os treinos e competições (“feedback”, dicas, uso de modelo, conselhos, etc.)

3) **Preparação mental.** Os cinco itens desta dimensão investigam como o treinador ajuda os atletas a procederem sob pressão e a manterem-se focados e confiantes.

4) **Estabelecimento de metas.** Os seis itens desta dimensão avaliam o envolvimento do treinador na identificação, desenvolvimento e monitoramento dos objetivos dos atletas.

5) **Reforço pessoal positivo.** Os seis itens desta dimensão investigam a disponibilidade, compreensão e a proximidade do treinador com o atleta.

6) **Reforço pessoal negativo.** Finalmente, os oito itens desta dimensão examinam o uso de controle aversivo (gritos, xingamentos, etc.) pelo treinador na interação com seus atletas.

## Procedimento

Inicialmente, os clubes foram contatados e, após sua permissão por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>2</sup>, agendou-se uma reunião com os treinadores e atletas cuja finalidade era esclarecer os objetivos do trabalho. Os atletas também foram informados, nessa reunião, sobre o sigilo relacionado às suas respostas e sobre a liberdade de aderir ou não à participação. Os treinadores e atletas que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>3</sup>. A concordância dos treinadores visava autorizar os investigadores a frequentar os treinos, visava também autorizar que parte do tempo do treino pudesse ser utilizada para a investigação e obtenção do apoio para captar a adesão dos jogadores. Os atletas foram, então, convidados a se dirigir para o local de aplicação do instrumento e foram instruídos sobre como preencher a escala. Inicialmente era entregue a escala e dada a seguinte instrução *“Leia atentamente as instruções antes de responder às perguntas. Esta escala é composta de duas partes. Na primeira investiga-se sua experiência no esporte e na segunda o comportamento de seu treinador. Na segunda parte são apresentados enunciados/afirmações que descrevem um comportamento que o treinador pode apresentar.*

*Em cada um deles existe sete alternativas de resposta [apresentar as possibilidades de um a sete], indique o comportamento habitual do seu treinador, fazendo um x sobre o número que melhor represente sua opinião ou circulando-o. Para os que estão no clube há pouco tempo, faça um x sobre o número que melhor represente sua opinião acerca dos treinadores que tiveram. Por favor, responda a todas as questões. Observe que você está se referindo aos treinadores com os quais já treinou e ao seu treinador atual/real”.* Após terem respondido, uma nova escala (ECT-A) era entregue e a mesma instrução repetida, pedindo-se que respondessem considerando não o comportamento do treinador percebido pelo atleta, mas sim o comportamento de um treinador ideal/perfeito, ou seja, aqueles comportamentos que gostariam que seu treinador tivesse em situações de treino e competição. Ao final, as escalas foram recolhidas para análise.

As escalas foram analisadas comparando-se as respostas dos atletas no que diz respeito ao comportamento percebido do treinador e ao comportamento ideal e comparando-se, ainda, as respostas dadas pelos atletas de acordo com a categoria da qual faziam parte.

## Procedimentos estatísticos

A análise estatística efetuada passou por duas fases:

1) **Estatística descritiva.** Por meio de parâmetros de tendência central (média e moda) e parâmetros de dispersão (desvio-padrão e valores mínimos e máximos) caracterizaram-se as diferentes amostras em estudo.

2) **Estatística inferencial.** Para determinar as diferenças existentes entre os vários grupos em estudo (treinadores, grupos de atletas, categorias, etc.), foram usadas, uma vez cumpridos os requisitos de sua apreciação, as seguintes técnicas estatísticas de comparação: a análise de variância a uma dimensão (ANOVA) e o teste T para amostras emparelhadas. Quando necessário, ou seja, quando médias diferentes foram encontradas, usou-se o teste posterior de Tukey para identificar onde estava a diferença. Estatística gráfica foi usada conforme cada uma das análises em estudo. A probabilidade de erro escolhida foi de  $p = 0,03$ .

## Resultados e discussão

A TABELA 2 apresenta os resultados da análise de variância e do teste de amostras emparelhadas de acordo com cada uma das dimensões que compõem a escala.

TABELA 2 - Análise das respostas dos atletas (Anova e Testes de Amostras Emparelhadas) de diferentes categorias relativas ao comportamento percebido e ideal dos treinadores para todas as dimensões. O p considerado neste estudo foi  $<0,03$ .

p < 0,03.

Dimensões																	
Treinamento e Cond. Físico (TCF)			Habilidades técnicas (HT)			Preparação mental (PM)			Estab. de objetivos (EO)			Reforço pessoal positivo (RPP)			Reforço pessoal negativo (RPN)		
<b>Comportamento Percebido do Treinador (Anova)</b>																	
F	df	p	F	df	p	F	df	p	F	df	p	F	df	p	F	df	p
3,417	73	0,004*	0,746	73	0,634	1,321	73	0,254	1,330	73	0,250	0,945	73	0,479	2,985	73	0,009*
<b>Comportamento Ideal do Treinador (Anova)</b>																	
F	df	p	F	df	p	F	df	p	F	df	p	F	df	p	F	df	p
1,060	73	0,399	1,853	73	0,092	2,327	73	0,035	2,666	73	0,017*	1,868	73	0,089	4,443	73	0,000*
<b>Comparação entre Comportamento Percebido e Ideal (Teste de amostras emparelhadas)</b>																	
t	df	p	t	df	p	t	df	p	t	df	p	t	df	p	t	df	p
- 6,859	73	0,000*	- 3,528	73	0,001*	- 5,014	73	0,000*	- 4,352	73	0,000*	- 3,346	73	0,001*	0,823	73	0,413

No que diz respeito à maneira como os atletas percebem o comportamento do seu treinador (comportamento percebido do treinador), encontraram-se diferenças significativas para as dimensões condicionamento e treinamento físico ( $p < 0,004$ ) e reforço pessoal negativo ( $p < 0,009$ ). Quando o teste foi aplicado às respostas relacionadas ao comportamento ideal do treinador encontrou-se diferença significativa para as dimensões estabelecimento de objetivos ( $p < 0,017$ ) e reforço pessoal negativo ( $p < 0,000$ ).

Na dimensão condicionamento e treinamento físico, referente aos comportamentos percebidos do treinador, o teste Tukey indicou que as diferenças apareceram entre as respostas dadas pelos atletas do Grupo 2 (Sub-15) e dos atletas dos Grupos 7 e 8 (Sub-20 -  $p < 0,004$  e  $p < 0,019$ , respectivamente), sendo a pontuação média maior para os atletas do Grupo 2. Na dimensão reforço pessoal negativo, o teste Tukey indicou que houve diferenças entre as respostas do Grupo 2 (Sub-15) e todos os demais grupos, quando se consideraram as respostas relacionadas aos comportamentos percebidos do treinador. Quando se consideraram as respostas relacionadas ao comportamento ideal do treinador, diferenças significativas foram encontradas entre o Grupo 2 e os Grupos 1 e 3 (Sub-15), e entre os Grupos 4 e 5 (Sub-17) e o Grupo 7 (Sub-20). Em todos os casos, a pontuação média do Grupo 2 foi maior que a

pontuação média dos demais grupos. Finalmente, para a dimensão estabelecimento de objetivos, relacionada ao comportamento ideal do treinador, o teste de Tukey revelou diferenças entre as respostas dos atletas do Grupo 8 (Sub-20) e dos atletas dos Grupos 2 (Sub-15), 4 (Sub-17) e 7 (Sub-20). A pontuação obtida pelos atletas dos Grupos 2, 4 e 7 foi maior que a obtida pelos atletas do Grupo 8.

Analisaram-se, ainda, as respostas dos atletas para cada uma das questões que compõem a escala. Os resultados obtidos nesta análise são descritos mais detalhadamente nas seções abaixo.

### Condicionamento e treinamento físico

Analisando-se esta dimensão questão a questão, verificam-se diferenças significativas para as Questões 2 (oferece-me um programa de condicionamento físico desafiador), 6 (fornece-me uma sessão de treinamento estruturada/organizada) e 7 (fornece-me um programa anual de treinamento) no que diz respeito aos comportamentos percebidos pelos atletas no treinador. Na Questão 2 observaram-se diferenças entre os Grupos 1, 2, 4 e 8 e o Grupo 7. Para a Questão 6 verificaram-se diferenças significativas entre as respostas dos atletas do Grupo 2 (Sub-15) e dos atletas do Grupo 5 (Sub-15) e 7 (Sub-20) e entre atletas do Grupo 4 (Sub-17) e 7 (Sub-20). A pontuação média dos atletas

do Grupo 7 foi menor que a dos atletas dos demais grupos em ambas as questões. Finalmente, para a Questão 7 constataram-se diferenças significativas entre as respostas dos atletas do Grupo 7 e dos atletas dos Grupos 2 e 3, e entre as respostas dos atletas do Grupo 2 e as do Grupo 5. A pontuação média das respostas dos atletas do Grupo 7 e 5 foi menor, nesta questão, que a dos atletas dos Grupos 2 e 3. Questões específicas de organização de cada equipe podem explicar as diferenças observadas. A QUADRO 1 apresenta as

questões que compõem as dimensões nas quais encontrou-se diferença significativa, bem como, os grupos que diferiram entre si e o valor de p obtido.

Quando se aplicou o teste estatístico para as respostas relacionadas ao comportamento ideal do treinador, não se verificaram diferenças significativas entre os grupos, ou seja, independentemente da categoria a que pertencem, a percepção dos atletas no que se refere à maneira como gostariam que seu treinador se comportasse é bastante parecida.

QUADRO 1- Diferenças significativas encontradas nas questões de cada uma das dimensões - TCF, HT, PM, EO, RPP e RPN - de acordo com as respostas dos atletas para o comportamento percebido e ideal do treinador de cada um dos grupos (G).

Dim.	Grupos Questões	PERCEBIDO						IDEAL		
		G1	G2	G3	G4	G6	G7	G2	G3	G6
TCF	2	G7 (0,001)	G7 (0,003)		G7 (0,016)		G8(0,001)			
	6		G7 (0,005)		G7 (0,023)					
	7		G5 (0,001) G7 (0,000)	G7 (0,031)						
HT	13		G6 (0,020)							
	15		G3 (0,006)	G8 (0,012)						
PM	16		G6 (0,010)		G6 (0,024)					
	18					G1 (0,000) G2 (0,002) G3 (0,019) G4 (0,003) G7 (0,019) G8 (0,001)				
	19									G2 (0,030) G3 (0,020)
EO	23						G3 (0,030)			
	24		G7 (0,013)					G7 (0,020)		
	25		G6 (0,021) G7 (0,014)							
RPP	27		G5 (0,017)							
RPN	33		G3 (0,005) G7 (0,008)							
	34		G5 (0,002)							
	35		G4 (0,007) G5 (0,015) G7 (0,001)					G1 (0,002) G3 (0,018) G4 (0,003) G5 (0,018) G7 (0,007)		
	36		G5 (0,018) G7 (0,011)					G1 (0,001) G3 (0,002) G4 (0,001) G5 (0,001) G7 (0,011)		
	37		G3 e G4 (0,000) G6 e G8 (0,000) G5 (0,002)					G3 (0,006) G4 (0,010) G5 (0,008)		

TCF - treinamento e condicionamento físico;  
HT - habilidade técnicas;  
PM - preparação mental;  
EO - estabelecimento de objetivos;  
RPP - reforço pessoal positivo;  
RPN - reforço pessoal negativo.  
Os números em parênteses referem-se ao p.

continua

QUADRO 1 - Diferenças significativas encontradas nas questões de cada uma das dimensões - TCF, HT, PM, EO, RPP e RPN - de acordo com as respostas dos atletas para o comportamento percebido e ideal do treinador de cada um dos grupos (G) (continuação).

TCF - treinamento e condicionamento físico;  
HT - habilidade técnicas;  
PM - preparação mental;  
EO - estabelecimento de objetivos;  
RPP - reforço pessoal positivo;  
RPN - reforço pessoal negativo.  
Os números em parênteses referem-se ao p.

Dim.	Grupos	PERCEBIDO						IDEAL			
		Questões	G1	G2	G3	G4	G6	G7	G2	G3	G6
RPN	38			G3 (0,001) G4 (0,005) G5, G6, G7 (0,000) G8 (0,005)					G1 (0,001) G3 (0,000) G4 e G5 (0,000) G7 (0,003)		
		39	G2 (0,022)						G1 (0,010) G3 (0,001) G4 (0,003) G5 (0,000) G7 (0,002)		
				40						G1 e G3 (0,002) G4 (0,001) G5 e G7 (0,000)	
					G4, G6 (0,001) G5 (0,000) G7 (0,004)						

### Habilidades técnicas

A análise de variância não revelou diferenças significativas para a pontuação média dos atletas no que concerne ao comportamento do seu treinador e à maneira como gostariam que ele se comportasse (TABELA 2). Contudo, uma análise detalhada de cada questão indicou que nas Questões 13 (usa exemplos verbais que descrevem como um movimento técnico deve ser realizado) e 15 (fornece-me respostas imediatas/informações sobre o meu desempenho), relacionadas à maneira como os atletas percebem os comportamentos do treinador (comportamentos percebidos), houve diferenças significativas. Na Questão 13, a diferença se deu entre as respostas de um grupo da Sub-15 e as de um grupo da Sub-17 (Grupos 2 e 6) sendo a pontuação média dos atletas do Grupo 2 maior que a do Grupo 6. Na Questão 15, observaram-se diferenças entre dois grupos da Sub-15 (Grupos 2 e 3) e entre um grupo da Sub-15 e um grupo da Sub-20 (Grupos 3 e 8, respectivamente) (QUADRO 1). A pontuação média dos atletas do Grupo 3 foi menor que a dos demais grupos.

Segundo MARTENS (1990), é importante que o treinador ofereça as instruções de maneira clara, concisa, positiva, demonstrando, se possível, como fazer, principalmente nas sessões de treinamento. Além disso, o “feedback” imediato do desempenho do atleta é fundamental para a correção de erros e ensino de novas habilidades. Pesquisas, como a conduzida por BLACK e WEISS (1992), sugerem que a maneira como os atletas percebem sua participação

em treinos e competições está significativamente relacionada à quantidade e qualidade de “feedback” recebido do treinador para desempenhos com sucesso ou com erro.

A análise estatística das questões não indicou diferenças significativas entre os grupos no que diz respeito ao comportamento ideal do treinador.

### Preparação mental

Também para a dimensão preparação mental, a análise de variância não encontrou diferenças significativas quando se considerou a pontuação média dos atletas no que tange ao comportamento do seu treinador e ao modo como os atletas gostariam que ele se comportasse (TABELA 2). A análise das questões indicou, contudo, que, para os comportamentos percebidos do treinador, nas Questões 16 (aconselha-me sobre como me desempenhar em momentos de pressão) e 18 (aconselha-me sobre como ter confiança em minhas habilidades) houve diferenças significativas entre as respostas dos atletas do Grupo 6 (Sub-17) e dos atletas dos demais grupos (Grupos 1, 2, 3, 4, 7 e 8), sendo a pontuação média dos atletas do Grupo 6 menor que a dos demais grupos em ambas as questões. Quando se analisaram as respostas dos atletas relacionadas ao comportamento ideal do treinador verificaram-se diferenças significativas entre as respostas dos atletas do Grupo 6 e as dos atletas dos Grupos 2 e 3 para a Questão 19 (aconselha sobre como ser positivo consigo mesmo).

A pontuação média do Grupo 6 novamente foi menor que a pontuação média dos atletas dos Grupos 2 e 3, nesta questão (QUADRO 1).

Cada vez mais, a chamada “preparação psicológica” dos atletas tem ocupado um lugar de destaque no contexto esportivo. Se bem que este trabalho seja atribuído ao psicólogo, conhecimentos nesta área deveriam ser oferecidos aos profissionais que atuam diretamente com os atletas, ou seja, os treinadores. São os treinadores que passam mais tempo com os atletas e, como afirma KENOW e WILLIAMS (1999), a maneira como o treinador interage com eles pode afetar a qualidade e o sucesso da experiência esportiva do atleta. Dessa maneira, a formação dos treinadores deve enfatizar também aspectos relacionados à interação entre eles e seus atletas.

### Estabelecimento de objetivos

Nesta dimensão, a análise das questões indicou diferenças significativas para algumas questões relacionadas tanto ao comportamento percebido do treinador quanto ao comportamento ideal (QUADRO 1). No que diz respeito à percepção dos atletas sobre os comportamentos percebidos, observaram-se diferenças significativas na Questão 24 (ajuda-me a estabelecer metas para alcançar meus objetivos), entre as respostas dos atletas do Grupo 2 (Sub-15) e do Grupo 7 (Sub-20), e na Questão 25 (ajuda-me a estabelecer objetivos de longo prazo) entre as respostas dos atletas do Grupo 2 e as dos atletas dos Grupos 6 e 7 (Sub-17 e Sub 20, respectivamente). De modo geral, os atletas do Grupo 2 obtiveram pontuação média maior que as dos Grupos 6 e 7, nestas questões.

Quanto à percepção dos atletas relacionada à maneira como gostariam que o treinador se comportasse verificaram-se diferenças significativas entre as respostas dos atletas dos Grupos 2 e 3 na Questão 23 (ajuda-me a estabelecer objetivos a curto prazo) e entre os atletas dos Grupos 3 e 7 na Questão 24. A pontuação média dos atletas dos Grupos 2 e 7 foi maior que a obtida pelos atletas do Grupo 3.

De acordo com as respostas dos atletas, seus treinadores os auxiliaram em apenas metade das vezes a estabelecer objetivos de longo prazo bem como prazos para o alcance dos objetivos. Segundo WEINBERG e GOULD (2001), o estabelecimento de

metas específicas de curto e longo prazo influencia mudanças comportamentais. Ao estabelecer metas com o atleta, o treinador lhe descreve os comportamentos necessários para o seu cumprimento, o contexto no qual elas devem ocorrer e as consequências do cumprimento ou não dessas metas. Como afirma MARTIN (2001), um comportamento se torna mais provável quanto mais específica for a sua descrição e quanto mais imediata for a sua consequência. Isso sugere a necessidade de mais atenção dos treinadores a esse aspecto. As respostas dos atletas para esta dimensão, no que se refere ao modo como avaliam o comportamento ideal do treinador (TABELA 3), sugerem que também para eles este é um fator que deveria ser mais bem considerado pelos treinadores. Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos cujo objetivo é avaliar o estabelecimento de metas com atletas (GAMBA, 2007; SOUZA, SUDO, GAMBA, OLIVEIRA & TEIXEIRA, no prelo). Em vista da efetividade dessas intervenções, treinadores deveriam ser capacitados também a usar esses programas. A pesquisa conduzida por SUDO (2008) sugere a efetividade desse tipo de intervenção.

### Reforço pessoal positivo

A análise estatística aplicada a cada uma das questões indicou que a percepção dos atletas dos Grupos 2 (Sub-15) e 5 (Sub-17), relativa aos comportamentos percebidos do treinador, diferiu significativamente na Questão 27 (demonstra me entender como pessoa) (QUADRO 1). Os atletas do Grupo 2 tiveram uma pontuação maior nesta questão que os atletas do Grupo 5. Não se evidenciaram diferenças quando se analisaram as respostas relativas ao comportamento ideal. A pontuação média em cada uma das questões para o comportamento percebido do treinador ficou em torno de 5 (muitas vezes). As menores médias foram obtidas nas Questões 30 (demonstra preocupação sobre a minha vida, de maneira geral) e 31 (é digno de confiança em relação aos meus problemas pessoais), como mostra a TABELA 3. Para as respostas relacionadas ao comportamento ideal, a pontuação média das questões ficou em torno de 6 (muitíssimas vezes). A TABELA 3 apresenta a média, moda e desvio-padrão para cada uma das questões, de cada um das dimensões analisadas por meio da escala.

TABELA 3 - Média, modo e desvio padrão de cada questão da escala para o comportamento percebido e ideal do treinador.

Questões	Percebido			Ideal		
	Média	Moda	Desvio padrão	Média	Moda	Desvio padrão
Oferece(m)-me um programa de condicionamento físico, no qual eu confio.	5,44	5	1,33	6,61	7	0,75
Oferece(m)-me um programa de condicionamento físico desafiador.	4,39	5	1,77	5,70	7	1,63
Oferece(m)-me detalhes sobre meu programa de condicionamento físico.	4,99	7	1,61	6,10	7	1,33
Oferece(m)-me um plano para minha preparação física.	4,97	7	2,69	6,41	7	0,97
Assegura(m)-se de que as instalações e os equipamentos para treinamento estão organizados.	4,73	7	1,82	6,46	7	0,87
Fornece(m)-me uma sessão de treinamento estruturada (organizada).	5,08	7	1,99	6,54	7	0,76
Fornece(m)-me um programa anual de treinamento.	4,49	7	2,14	6,13	7	1,26
<b>Dimensão 1 - Treinamento e Condicionamento Físico</b>	<b>32,51</b>	<b>34</b>	<b>10,48</b>	<b>40,97</b>	<b>49</b>	<b>10,80</b>
Fala(m) conselhos enquanto estou executando uma habilidade técnica.	6,13	7	1,23	6,59	7	0,69
Fornece(m)-me uma orientação específica para corrigir erros técnicos.	5,74	7	1,48	6,34	7	0,89
Ajuda(m)-me com reforço para melhorar as técnicas corretas.	5,33	7	1,59	6,39	7	0,98
Fornece(m)-me orientações (feedback) que me ajudam a melhorar a minha técnica.	5,80	7	1,36	6,38	7	0,95
Fornece(m)-me exemplos visuais para mostrar como um movimento deve ser realizado.	5,61	7	1,58	6,29	7	1,00
Usa exemplos verbais que descrevem como um movimento técnico deve ser realizado.	5,73	7	1,28	6,13	7	1,12
Assegura-se de que eu estou entendendo as técnicas que me estão sendo ensinadas.	5,62	7	1,37	6,34	7	0,90
Fornece(m)-me respostas imediatas sobre o meu desempenho.	5,62	7	1,44	6,27	7	1,33
<b>Dimensão 2 - Habilidades Técnicas</b>	<b>43,49</b>	<b>56</b>	<b>11,59</b>	<b>48</b>	<b>56</b>	<b>11,63</b>
Aconselha(m)-me sobre como desempenhar em momentos de pressão.	5,24	7	1,28	6,56	7	0,85
Aconselha(m)-me sobre como estar mentalmente preparado.	5,43	7	1,60	6,46	7	0,88
Aconselha(m)-me sobre como ter confiança em minhas habilidades.	5,79	7	1,41	6,56	7	0,86
Aconselha(m)-me sobre como ser positivo comigo mesmo.	5,82	7	1,39	6,46	7	1,01
Aconselha(m)-me sobre como permanecer concentrado no que faço.	5,87	7	1,48	6,35	7	0,91
<b>Dimensão 3 - Preparação Mental</b>	<b>27,01</b>	<b>35</b>	<b>7,98</b>	<b>30,91</b>	<b>35</b>	<b>7,56</b>
Ajuda(m)-me a identificar os meios para alcançar meus objetivos.	5,59	7	1,42	6,61	7	0,81
Monitora(m) o meu progresso em direção ao meus objetivos.	5,26	7	1,56	6,30	7	1,00
Ajuda(m)-me a estabelecer objetivos a curto prazo.	4,94	4	1,69	6,03	7	1,35
Ajuda(m)-me a estabelecer datas para alcançar meus objetivos.	4,07	2	2,03	5,82	7	1,59
Ajuda(m)-me a estabelecer objetivos a longo prazo.	4,78	4	1,75	5,85	7	1,43
Demonstra(m)-se comprometido(s) com os meus objetivos.	5,25	7	1,67	6,36	7	1,15
<b>Dimensão 4 - Estabelecimento de Objetivos</b>	<b>27,03</b>	<b>39</b>	<b>10,90</b>	<b>33,58</b>	<b>39</b>	<b>11,14</b>
Demonstra me entender como pessoa.	5,57	7	1,65	6,58	7	1,04
É disponível para me ouvir quando preciso.	5,88	7	1,65	6,21	7	1,35
Demonstra entender os problemas pessoais que eu possa ter.	5,40	7	1,84	6,31	7	1,43
Demonstra preocupação sobre a minha vida de maneira geral.	4,68	5	2,05	5,90	7	1,63
É digno de confiança em relação aos meus problemas pessoais.	4,94	7	1,87	6,06	7	1,56
Mantém sigilo quanto a minha vida pessoal.	5,38	7	1,79	6,09	7	1,61
<b>Dimensão 5 - Reforço Pessoal Positivo</b>	<b>28,91</b>	<b>0</b>	<b>11,62</b>	<b>33,97</b>	<b>42</b>	<b>11,72</b>

continua

TABELA 3 - Média, modo e desvio padrão de cada questão da escala para o comportamento percebido e ideal do treinador (continuação).

Questões	Percebido			Ideal		
	Média	Moda	Desvio padrão	Média	Moda	Desvio padrão
Usa o medo em seus métodos de instrução.	4,26	5	2,00	4,47	1	2,37
Grita comigo quando está com raiva.	4,45	7	1,92	3,95	1	2,34
Ignora minha opinião em alguns momentos.	3,66	1	2,16	3,45	1	2,50
Demonstra favoritismo por outro atleta.	3,89	1	2,30	3,08	1	2,61
Intimida-me fisicamente.	3,16	1	2,16	3,26	1	2,54
Usa o poder para me manipular.	2,66	1	2,14	2,85	1	2,55
Faz comentários pessoais sobre mim, que eu não gosto.	3,00	1	2,240	3,05	1	2,50
Gasta mais tempo treinando os melhores atletas.	3,24	1	2,35	2,92	1	2,56
<b>Dimensão 6 - Reforço Pessoal Negativo</b>	<b>25,12</b>	<b>0</b>	<b>14,56</b>	<b>23,58</b>	<b>0</b>	<b>18,15</b>

### Reforço pessoal negativo

Finalmente, a análise detalhada de cada uma das questões que compõem esta dimensão mostra que, em todas elas, houve diferença significativa entre o Grupo 2 e os demais grupos (QUADRO 1) no que concerne aos comportamentos percebidos do treinador. Para as respostas relacionadas ao comportamento ideal verificase que, com exceção das Questões 33 (usa o medo em seus métodos de instrução) e 34 (grita com o atleta quando está com raiva), houve diferença significativa entre as respostas dos atletas do Grupo 2 e as dos demais grupos, como mostra a QUADRO 1. A pontuação obtida pelos atletas do Grupo 2 foi maior que a dos demais grupos, seja no que se refere aos comportamentos percebidos do treinador seja no que se refere a maneira como os atletas gostariam que ele se comportasse.

Observa-se, ainda, que a pontuação média geral obtida para as respostas relacionadas aos comportamentos do treinador percebidos pelos atletas foi maior que a obtida para as respostas relacionadas à maneira como os atletas gostariam que ele se comportasse (TABELA 3). Contudo, a maior pontuação para os comportamentos percebidos pelos atletas no treinador pode ser explicada pela pontuação obtida nas Questões 33 e 34. Estes dados sugerem que, de modo geral, os treinadores, pelo menos em metade das vezes, usam o medo como método de instrução e gritam com o atleta quando estão nervosos.

### Comparações entre o comportamento percebido e o comportamento ideal do treinador: testes de amostras emparelhadas

A análise descritiva dos dados indicou que a média de pontos obtida na avaliação dos

comportamentos percebidos do treinador ficou abaixo da obtida para a maneira como os atletas gostariam que ele se comportasse em todas as dimensões (TABELA 3).

Com o objetivo de avaliar se a pontuação média obtida para os comportamentos percebidos diferia estatisticamente da obtida para o comportamento ideal realizou-se o teste de amostras emparelhadas. Com exceção da dimensão reforço pessoal negativo, verificaram-se diferenças significativas para todas as demais dimensões (TABELA 2). Esses dados sugerem que, com exceção da dimensão reforço pessoal negativo (RPN), a maneira como os atletas percebem o comportamento do seu treinador parece diferir da maneira como esperam que um treinador “ideal” se comporte. A menor pontuação para as questões relacionadas ao comportamento do seu treinador sugere que os treinadores podem, em vários aspectos, melhorar ainda mais sua interação com os atletas.

No entanto, em relação à dimensão RPN, chama atenção o fato de que, em algumas questões (33, 37 e 38), a pontuação para o comportamento ideal foi maior que a observada para os comportamentos percebidos do treinador, o que sugere que, para alguns atletas, o treinador “ideal” deveria usar, com mais frequência do que o faz seu próprio treinador, o medo como método de instrução, a intimidação física e a manipulação por meio de seu poder. A TABELA 4 apresenta as questões que compõem a dimensão reforço pessoal negativo, o valor de *t* e *p* de acordo com os resultados do teste de amostras emparelhadas.

A literatura mostra que o comportamento do treinador pode ter um importante papel sobre as reações emocionais dos atletas e sua continuação no esporte (SIMÕES, SERASSUELO JUNIOR & OLIVEIRA, 2007; SMITH, SMOLL & BARNET, 1995; VEALEY, ARMSTRONG,

COMAR & GRENLEAF, 1998, entre outras). Outras pesquisas apontam, ainda, o efeito adverso do uso frequente de punições (MARTIN, 2001). O uso frequente de xingamentos, agressões físicas ou verbais, retirada de privilégios, etc., pode produzir reações emocionais perturbadoras que, por sua vez, podem

desorganizar o comportamento em curso, dificultando o aprendizado de novos comportamentos e contribuindo para a geração de “deficit” comportamental (MAZZO, 2007). Sendo assim, os resultados encontrados na dimensão reforço pessoal negativo devem ser considerados com cuidado.

TABELA 4 - Valor de t, graus de liberdade e p para cada questão que compõe a dimensão reforço pessoal negativo.

Questões	t	df	p
33. Usa o medo em seus métodos de instrução.	- 0,113	58	0,910
34. Grita comigo quando está com raiva.	1,784	58	0,080
35. Ignora minha opinião em alguns momentos.	0,777	60	0,440
36. Demonstra favoritismo por outro atleta.	2,057	58	0,044
37. Intimida-me fisicamente.	-0,0339	61	0,736
38. Usa o poder para me manipular.	- 0,812	59	0,420
39. Faz comentários pessoais sobre mim, que eu não gosto.	0,103	61	0,918
40. Gasta muito tempo treinando os melhores atletas.	1,358	60	0,179
Média total	0,823	73	0,413

## Considerações finais

Questionou-se, nesta investigação, como futebolistas brasileiros de diferentes categorias percebem o comportamento do seu treinador (comportamento percebido) e como gostariam que ele se comportasse (comportamento ideal).

Os resultados obtidos sugerem que o fato de pertencerem a diferentes categorias não significa que tenham percepções diferentes acerca do comportamento do seu treinador ou sobre como gostariam que ele se comportasse. Os resultados mostram que, não obstante nas dimensões *condicionamento e treinamento físico, estabelecimento de objetivos e reforço pessoal negativo*, tenha havido diferenças significativas entre os grupos, essas diferenças aconteceram também entre atletas de uma mesma categoria. Por exemplo, a análise estatística indicou que as respostas dos atletas do Grupo 2 (Sub-15), nas dimensões *condicionamento e treinamento físico e reforço pessoal negativo*, diferiram significativamente das respostas dos atletas dos demais grupos, inclusive das de outros grupos da Sub-15 (Grupos 1 e 3).

A análise, questão a questão, também não revela um padrão que nos permita afirmar que há diferenças entre categorias, se bem que, para algumas questões tenham-se encontrado diferenças significativas entre diferentes grupos, especialmente entre o Grupo 2 e os demais grupos. Aspectos

específicos do trabalho do treinador de cada equipe parecem justificar melhor os resultados encontrados. Apesar dessas considerações, alguns dados merecem atenção:

1) Embora os atletas tenham avaliado o comportamento do seu treinador bastante positivamente, comparando-se as médias obtidas para o comportamento do seu treinador e para o treinador “ideal”, verifica-se que elas sempre foram menores para o seu treinador (comportamentos percebidos do treinador). O teste de amostras emparelhadas mostra que, com exceção da dimensão *reforço pessoal negativo*, para todas as demais a maneira como os atletas percebem o comportamento do seu treinador difere da maneira como eles entendem que seja o comportamento de um treinador “ideal”. Pesquisas, como a conduzida por BORTOLI, ROBAZZA e GIABARDO (1995), sugerem uma preferência dos atletas por comportamentos diferentes daqueles apresentados por seu treinador.

2) As respostas dos atletas para as dimensões *estabelecimento de objetivos, preparação mental, habilidades técnicas e reforço pessoal positivo*, relacionadas ao comportamento do seu treinador, e para as dimensões *treinamento e condicionamento físico, preparação mental, habilidades técnicas e reforço pessoal positivo*, relacionadas à maneira como os atletas

gostariam que o treinador se comportasse, não diferiram entre os grupos, conquanto fossem compostos por atletas de diferentes idades. Também SIMÕES, SERRASUELO JUNIOR e OLIVEIRA (2007) não encontraram diferenças nas respostas dos alunos/atletas quando a análise considerou a idade deles. Eles desenvolveram um estudo no qual avaliaram a maneira como professores de Educação Física, técnicos/líderes de equipes de basquete feminino e masculino, descrevem suas próprias ideologias de liderança e como seus alunos/atletas descrevem o comportamento de seus líderes. Seus resultados mostram que, embora as respostas quanto ao comportamento dos técnicos/professores tenham diferido, a idade dos alunos/atletas não afeta a sua capacidade perceptiva.

No caso desta investigação, a proximidade de idade dos atletas é um fator a ser considerado. Ressalta-se, contudo, que os atletas da Sub-20 jogavam profissionalmente, enquanto os atletas da Sub-15 e Sub-17 tinham estatuto de amadores. Não obstante não atuarem profissionalmente, alguns atletas dessas categorias viviam nos clubes nos quais treinavam e alguns recebiam um salário (bolsa) para treinar, o que pode caracterizar uma atuação mais profissional que amadora. Além disso, é necessário considerar a quantidade de horas de treinamento, por semana, dos atletas das diferentes categorias. Os atletas da Sub-15 tinham a menor média de horas de treinamento por semana. Se considerarmos que não houve diferenças para as respostas dos atletas relacionadas à categoria à qual pertencem, este é um fator que chama atenção.

3) Não houve diferença significativa entre as respostas relacionadas aos comportamentos percebidos do treinador e a maneira como os atletas gostariam que o treinador se comportasse para a dimensão *reforço pessoal negativo*. Os resultados obtidos para esta dimensão mostram até mesmo que, em algumas questões (33, 37 e 38), a pontuação para o comportamento ideal (a maneira como os atletas gostariam que o treinador se comportasse) foi maior que a pontuação para os comportamentos percebidos do treinador. Nesse ponto a discussão de algumas questões é de extrema relevância.

Observações informais mostram que, em algumas equipes, broncas, xingamentos, retiradas de privilégios, uso de ameaças etc. podem ocorrer com certa frequência. Dependendo da frequência e da intensidade com que são empregadas nos treinos, essas formas de comportar-se podem perder seu caráter aversivo<sup>4</sup>. Como afirma CATANIA (1999), são os efeitos das consequências sobre o comportamento que

caracterizam um determinado evento como punitivo e não suas propriedades físicas. Se o comportamento seguido pela bronca ou xingamento diminui em frequência, podemos afirmar que a bronca ou xingamento funcionaram como punição, caso contrário não. Além disso, modelos de interação baseados em broncas, xingamentos etc. entre treinadores e atletas de outras equipes podem fortalecer esta concepção de interação. Pesquisas como a conduzida por COSTA (2006) com treinadores de futebol do Campeonato Brasileiro da Série A/2005 mostraram que o perfil considerado por eles como ideal para comandar uma equipe da primeira divisão é o perfil de liderança com estilo de decisão autocrático, voltado para aspectos de treino-instrução. Os resultados de COSTA (2006) mostram ainda que não há diferença na maneira como esses treinadores dizem liderar seus grupos e na forma considerada por eles como o perfil ideal de liderança.

Apesar desses fatores, é importante, uma vez mais, ressaltar os efeitos do uso de controle aversivo, quais sejam: respostas emocionais fortes, desamparo aprendido, padrões de fuga e esquiva: de mais a mais, o uso de controle aversivo dificulta a aprendizagem de comportamentos mais funcionais para lidar com uma dada situação. Se um evento só pode ser considerado punitivo ao observarmos seu efeito sobre o comportamento, então, outras formas de controle do comportamento devem ser buscadas, especialmente as que envolvem reforço positivo. Além disso, os participantes desta pesquisa tinham entre 14 e 20 anos. Ou seja, boa parte deles era menor de idade e, portanto, mais cautelosamente se devem considerar os resultados encontrados.

4) A comparação dos resultados obtidos neste estudo com os realizados empregando-se a LSS (ANTUNES, SERPA & CARITA, 1999; CHELLADURAI, 1993; CHELLADURAI & ARNOTT, 1985; CHELLADURAI & CARRON, 1983; CHELLADURAI & SALEH, 1978; CHELLADURAI et al., 1988; KIM et al. citados por CHELLADURAI, 2007; LIUKKONEN et al., 1989; OLIVEIRA, VOSER & HERNANDEZ, 2004; RIEMER & CHELLADURAI, 1995; SERPA, 1988; SERPA et al., 1988, entre outros) é dificultada pela natureza de ambos os inventários. Contudo, algumas especulações podem ser feitas. Pesquisas conduzidas, com o uso da LSS, sugerem que quanto mais hábeis e experientes forem os atletas, maior a preferência por treinadores que buscam ter um bom relacionamento com eles, interessando-se pelo seu bem-estar, e por treinadores que tomam decisões de maneira independente fazendo valer sua autoridade pessoal (CHELLADURAI, 1993). As respostas dos atletas relacionadas à maneira como eles gostariam que o treinador se comportasse na dimensão *reforço pessoal*

*positivo* sugere que, de modo geral, os atletas desta pesquisa valorizam comportamentos dos treinadores que estejam relacionados ao seu bem-estar (suporte-social), bem como sessões de treinamento mais bem estruturadas e com “feedback” frequente de sua performance (dimensões *treinamento e condicionamento físico e habilidades técnicas*), corroborando os resultados obtidos por CHELLADURAI (1993) e OLIVEIRA, VOSER e HERNANDEZ (2004). Entretanto, estas são apenas especulações, que para serem comprovadas, necessitariam de novas investigações em que se usem instrumentos que avaliem de maneira mais condizente esta questão.

Finalmente é necessário considerar algumas limitações deste estudo.

1) **Número de participantes.** Participaram desta pesquisa atletas de três diferentes clubes de uma cidade do Paraná. Posto que representem a amostra de atletas que treinam naquela região, eles não representam à totalidade de atletas de futebol no Brasil. Dessa maneira, os dados obtidos aqui devem ser considerados com cautela. Apesar disso, os dados levantam questões de interesse para a área e sugerem a necessidade de novas investigações.

2) **Aplicação do instrumento.** Dada a natureza deste trabalho, o inventário foi aplicado apenas uma vez. Segundo MALLETT e CÔTÉ (2006), uma única avaliação

do treinador é problemática, uma vez que instrumentos como o usado nesta pesquisa podem ser uma ferramenta interessante para dar “feedback” ao treinador, além do que a avaliação dos atletas pode mudar ao longo do tempo e do trabalho desenvolvido pelo treinador. Um acompanhamento contínuo poderia trazer informações importantes sobre o comportamento do treinador, na percepção dos atletas.

3. **Tempo de permanência dos atletas na equipe.** A média de tempo de permanência dos atletas na equipe variou de 79 dias (atletas Sub-17) há 179 dias (atletas da Sub-15). A rotatividade dos atletas nos clubes, devido a mudanças de clube ou à perda da vaga em um clube específico, dificulta a condução de um trabalho com atletas com mais tempo na equipe e mostra-se um aspecto importante a ser considerado na análise dos dados aqui relatados.

Apesar das considerações feitas acima, o trabalho levanta questões de interesse para a área as quais sugerem a necessidade de mais investigações, já que pesquisas que investigam as preferências dos atletas acerca do comportamento de seus treinadores podem facilitar a elaboração de treinamentos mais efetivos e ampliar os conhecimentos acerca das variáveis que afetam a interação entre treinadores e atletas.

## Abstract

The perception of athletes from different soccer categories of coaches' behavior: perceived and ideal behaviors

The objective of this work was to investigate how soccer athletes from the Sub-15, Sub-17 and Sub-20 categories analyze the profile of their coach (the coach's perceived behavior) and how they would expect him to behave (the coach's ideal behavior). Seventy-four Brazilian athletes took part in this study. They answered the Coach Behavior Scale - athlete's version - indicating the coach's perceived and ideal behavior. Results suggest that perceptions of the coach's behavior or of how they want the coach to behave do not change with respect to the age groups. Although the evaluation of the athletes about their coach was positive, average values of the coach's perceived behavior was always lower than the coach's ideal. Furthermore, there results showed no significant differences between answers related to perceived behavior and ideal behavior in regards to negative personal reward. Despite of the interesting aspects discussed in this article, the results indicate the need for further investigations.

UNITERMS: Soccer: Coaches: ECT-A.

## Notas

1. Outros fatores que afetam os comportamentos preferidos e percebidos no líder foram investigados (personalidade, avaliações pelos treinadores de seus próprios comportamentos). Considerando-se os objetivos deste artigo os resultados dessas investigações não serão relatados. Discussões sobre estes outros fatores poderão ser encontradas em CHELLADURAI (1993).

2. Trabalho aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, parecer nº 005/07.
3. Para atletas menores de idade os pais, ou um responsável, deveriam assinar o termo de consentimento.
4. Quanto mais intensa e frequente for a estimulação aversiva, mais perturbadoras as reações emocionais. Reações emocionais perturbadoras desorganizam o comportamento em curso e dificultam o aprendizado de novos comportamentos. Além disso, a sinalização contínua de que a punição é possível e sem previsão de quando ela ocorrerá pode levar o indivíduo a parar de se comportar dificultando o aprendizado de novos comportamentos (MAZZO, 2007).

## Referências

- ANTUNES, I.; SERPA, S.; CARITA, I. Liderazgo y satisfacción en la Educación Física. *Revista de Psicología del Deporte*, Palma de Mallorca, v.8, p.147-62, 1999.
- BLACK, S.J.; WEISS, M.R. The relationship among perceived coaching behaviors perceptions ability and motivation in competitive age groups swimming. *Journal of Sports & Exercise Psychology*, Champaign, v.14, n.3, p.309-25, 1992.
- BORTOLI, L.; ROBAZZA, C.; GIABARDO, S. Young athletes' perception of coaches' behavior. *Perceptual and Motor Skills*, Missoula, v.81, n.3, p.1217-8, 1995.
- CATANIA, C.A. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. Tradução Deisy das Graças de Souza et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- CHELLADURAI, P. Leadership. In: SINGER, R.N.; MURPHEY, M.; TANNANT, L.K. (Orgs.). **Handbook of research on sport psychology**. 3rd ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 1993.
- \_\_\_\_\_. Leadership in sports. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R.C. (Orgs.). **Handbook of sport psychology**. 3rd ed. New York: MacMillan, 2007.
- CHELLADURAI, P.; ARNOTT, M. Decision styles in coaching: preferences of basketball players. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, Washington, v.56, p.15-24, 1985.
- CHELLADURAI, P.; CARRON, A.V. Athletic maturity and preferred leadership. *Journal of Sport Psychology*, Champaign, v.5, p.371-80, 1983.
- CHELLADURAI, P.; IMAMURA, H.; YAMAGUCHY, Y.; OINUMA, Y.; MIYAUCHI, T. Sport leadership in cross-national setting: the case of Japanese and Canadian university Athletes. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, Champaign, v.10, p.374-89, 1988.
- CHELLADURAI, P.; MLOY, D.; IMAMURA, H.; YAMAGUCHY, Y. A cross-cultural study of preferred leadership in sports. *Canadian Journal of Sport Sciences*, Champaign, v.12, p.106-10, 1987.
- CHELLADURAI, P.; SALEH, S.D. Dimensions of leader behavior in sports: development of a leadership scale. *Journal of Sport Psychology*, Champaign, v.2, p.34-45, 1978.
- COSTA, I.T. **Análise do perfil de liderança de treinadores de futebol do campeonato brasileiro série A/2005**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- CÔTÉ, J.; YARDLEY, J.; HAY, J.; SEDGWICK, W.; BAKER, J. An exploratory examination o coaching behavior scale for sport. *Avante Research Note*, Gloucester, v.5, n.2, p.82-92, 1999.
- CRUZ, J. Avaliação das interações treinador esportista e assessoramento a treinadores de jovens desportistas. In: BECKER, B. (Ed.). **Psicologia aplicada a criança no esporte**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000. p.133-48.
- CUMMING, S.P.; SMITH, R.E.; SMOLL, F. Athlete-perceived coaching behaviors: relating two measurement traditions. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, Champaign, v.28, p.205-13, 2006.
- GAMBA, J. **Efeitos de um programa de estabelecimento de metas e feedback na execução de fundamentos esportivos realizados por crianças praticantes de ginástica artística**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- HASELWOOD, D.M.; JOYNER, B.A.; BURKE, K.L.; GEYERMAN, C.B.; CZECH, D.R.; MUNKASY, B.A.; ZWALD, A.D. Female athletes' perceptions of head coaches' communication competence. *Journal of Sport Behavior*, Mobile, v.28, n.3, p.216-30, 2005.
- KENOW, L.; WILLIAMS, J.M. Coach-athlete compatibility and athlete's perception of coaching behaviors. *Journal of Sport Behavior*, Mobile, v.22, n.2, p.251-9, 1999.

- LIMA, P.; SOUZA, S.R. O treinador esportivo e as categorias de base: os efeitos de uma intervenção sobre os comentários feitos por treinadores durante eventos competitivos. In: SOUZA, S.R.; HAYDU, V.B. (Orgs.). **Psicologia comportamental aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação**. Londrina: Eduel. No prelo.
- LIUKKONEN, J.; SALMINEN, S.; TELAMA, R. The relationship between coach-athlete interaction measured by observation and interaction measured by means of a questionnaire in children's sport. In: ISSP WORLD CONGRESS IN SPORT PSYCHOLOGY, 7., Singapura, 1989. **Proceedings...** Singapura: ISSP, 1989.
- LÔBO, I.L.; MORAES, L.C.C.A.; NASCIMENTO, E. Processo de validação da escala de comportamento do treinador - versão atleta (ECT-A). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.3, p.255-65, 2005.
- MALLET, C.; CÔTÉ, J. Beyond winning and losing: guidelines for evaluating high performance coaches. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.20, p.213-21, 2006.
- MARTENS, R. **Successful coaching**. 2nd ed. Champaign: Human Kinetics, 1990.
- MARTIN, G.L. **Consultoria em psicologia do esporte: orientações práticas em análise do comportamento**. Campinas: Instituto de Análise do Comportamento, 2001.
- MAZZO, I.M.B. **Análise de possíveis efeitos desejáveis do controle aversivo na aprendizagem de comportamento eficaz**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- OLIVEIRA, J.L.; VOSER, R.C.; HERNANDEZ, A.E. Comparação da preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. **Lecturas, Educación Física y Deportes: Revista Digital**, Buenos Aires, v.10, n.76, 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>.
- RIEMER, H.A.; CHELLADURAI, P. Leadership and satisfaction in athletics. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.17, p.276-93, 1995.
- SERPA, S. O treinador como líder: panorama actual de investigação. **Ludens**, v.12, n.1, p.23-32, 1998.
- SERPA, S.; ANTUNES, I.; PÁTACO, V.; SANTOS, F. Metodologia de tradução e adaptação de um teste específico de desporto - a Leadership Scale fo Sports. In: SIMPÓSIO DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA, 2., Lisboa, 1988. **Anais...** Lisboa: [s.n.], 1988.
- SIMÕES, A.C.; SERRASUELO JUNIOR, H.; OLIVEIRA, S.R.S. Comportamento ideológico de liderança de professores-técnicos líderes de equipes esportivas escolares: modalidade basquetebol. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v.9, n.1, p.76-83, 2007.
- SMITH, R.; SMOLL L.F.; BARNETT, N.P. Reduction of children's sport performance anxiety through social support and stress-reduction training for coaches. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v.16, p.125-42, 1995.
- SMITH, R.; SMOLL L.F.; CURTIS, B. Coach effectiveness training: a cognitive behavioral approach to enhancing relationship skills in youth sport coaches. **Journal of Sport Psychology**, Champaign, v.1, p.59-75, 1979.
- SMOLL, L.F.; SMITH, R. Conducting psychologically oriented coach-training programs: cognitive-behavioral principles and techniques. In: WILLIAMS, J.M. (Org.). **Applied sport psychology: personal growth to peak performance**. 3rd ed. [S.l.]: Mayfield, 1998.
- SOUZA, S.R.; SUDO, C.H.; GAMBA, J.F.; OLIVEIRA, S.D.; TEIXEIRA, B.F. Estabelecimento de metas e feedback: uma intervenção com atletas de uma equipe feminina de futsal da categoria adulto. In: SOUZA, S.R.; HAYDU, V.B. (Orgs.). **Psicologia comportamental aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação**. Londrina: Eduel. No prelo.
- SUDO, C.H. **Avaliação de um programa de capacitação de treinadores para a utilização de estabelecimento de metas no esporte**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.
- VEALEY, R.S.; ARMSTRONG, L.; COMAR, W.; GRENLEAF, C.A. Influence of perceived coaching behaviors on burnout and competitive anxiety in female college athletes. **Journal of Applied Sport Psychology**, Madison, v.10, p.297-318, 1998.
- WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- WILLIAMS, J.M.; JEROME, G.J.; KENOE, L.J.; ROGERS, T.; SARTAIN, T.A.; DARLAND, G. Factor structure of the coaching behavior questionnaire and its relationship to athlete variables. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.17, p.16-34, 2003.

ENDEREÇO

Silvia Regina de Souza  
Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento  
Universidade Estadual de Londrina  
Rod. Celso Garcia Cid, PR 445 - km 380 - C.P. 6001  
86051-990 - Londrina - PR - BRASIL  
e-mail: ssouza@uel.br

Recebido para publicação: 28/03/2008  
Revisado em: 13/10/2008  
Aceito: 11/05/2009